

'A liberdade só existe se for coletiva'

Beatriz Caminha

“ Com o passar do tempo, entendi que antes de ler um texto é importante sabermos qual a posição social que a pessoa que escreve ocupa na sociedade e porque ela parte de determinados lugares para discutir o mundo, sejam as pautas de raça, sexualidade, classe e gênero, ou então, as pautas relacionadas à economia e a cultura. Por isso, começo esse texto me apresentando a vocês: sou **Beatriz Caminha dos Santos**; mulher, negra e bissexual; militante do movimento estudantil; a vereadora mais jovem eleita na história de Belém aos 21 anos pelo Partido dos Trabalhadores e Trabalhadoras. Em 2013, quando eu tinha 14 anos, comecei meu envolvimento com a política. Naquele período, eu era cercada de pessoas brancas e privilegiadas que partiam de lugares totalmente diferentes do meu. Nesse momento, eu percebi que ser mulher, negra e filha de trabalhadores era uma questão importante na minha existência. Enquanto eles estudavam sobre economia, política e Marx, eu ficava em uma dupla e até tripla jornada de estudo para entender a realidade que eu vivia.

Fiquei durante muito tempo tentando entender a sociedade, até que eu percebi que eu primeiramente precisava me entender como sujeito e como as questões gerais atravessam o sujeito que eu sou. Esse momento foi o ponto de partida para eu querer entender um pouco mais do movimento feminista em meio às manifestações sonoras em favor da ex-presidenta Dilma e lutando cada vez mais contra Cunha e Temer. Depois veio o movimento negro que me atravessou profundamente por ser filha de uma mãe branca e um pai preto em um país que criou o imaginário da mestiçagem e da miscigenação. Mais recentemente, me vejo imergindo no movimento LGBT, que por muito tempo me senti mais oprimida do que acolhida, por ser uma mulher bissexual e ter minha sexualidade questionada até eu me relacionar publicamente com uma mulher.

Saber quem nós somos e por quais avenidas identitárias a gente passa é importante. É fundamental perceber e entender a interseccionalidade para pensarmos e vivermos esse mundo. A Bell Hooks nos fala que quando discursamos como é ser uma mulher

negra, não é só uma fala radicalizada e sim um testemunho de nossas vidas. Um testemunho de como nós enfrentamos o mundo.

Dito tudo isso, precisamos entender que somos constituídos por inúmeras identidades. A feminista Audre Lorde tem um debate importantíssimo: “Não serei livre enquanto alguma mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”. O lugar de onde falamos pode nos levar até o fronte das lutas de pessoas exploradas e oprimidas, principalmente em um país onde apenas cerca 1% das pessoas vivem em condições plenas, enquanto 99% são exploradas. **Não existe luta individual em um sistema que determina quem vive e quem morre coletivamente a partir de suas estruturas.**

Os movimentos LGBTQIA+ precisam ter ciência da necessidade histórica de **conectar lutas e movimentos em um Brasil devastado pelo obscurantismo, pelo conservadorismo e pelo ódio.** Isso não significa uniformizar os movimentos ou ditar regra do que deve ou não ser feito. O que trago é a importância de construir um movimento para todas as pessoas, que se disponha a encontrar mais convergência do que divergência, que consiga estabelecer um programa mínimo que passe pelo direito de ser e viver e que transforme o nosso amor em uma política transformadora construída pelas massas do nosso país. Isso significa lutar por políticas públicas e entrar na guerra cultural que a direita

estabeleceu contra nossas vidas e famílias. Não temos mais tempo de fazer a política pequena, a política que briga por espaço em um país que fecha portas e nos entrega sentenças. É preciso disputar o nosso país e os rumos da sociedade que queremos viver.

No ano do centenário de Paulo Freire construir um movimento de pessoas que lutam pelo direito de viver passa por algo básico: acreditar na mudança das pessoas e das estruturas. Não existe luta sistêmica que não passe pela construção de processos educativos. Ser um movimento educativo é acolher mais do que julgar, é abrir portas e dar a mão mais do que cobrar. Precisamos usar de todas as nossas ferramentas para mudança que almejamos, a luta social, a política institucional, as alianças oportunas, cavar novos espaços e, sempre, transformar pessoas.

Volto ao assunto: **a liberdade só existe se for coletiva.** Então não existe emancipação da comunidade LGBT se não existir a emancipação do povo negro, não existe emancipação do povo negro se não existir emancipação das mulheres. E **não existe emancipação de identidade nenhuma se o sistema continuar sendo capitalista onde explora e mantém essas relações de opressão.** Nós vivemos em um sistema que, para ele existir, é preciso ter uma relação de exploração sobre nossos corpos. Nós somos esses corpos que são explorados, nós somos esses corpos que estão nesses locais de marginalidade e

vulnerabilidade. Então nós também precisamos lutar contra esse sistema, **precisamos ser anticapitalistas.**

O mercado insiste em tentar resumir todo um sistema de exploração a uma frase, a uma camisa que vestimos e que às vezes foi fabricada por meio do trabalho escravo e infantil. Então que libertação é essa estampada na camisa quando é feita do trabalho escravo de outras pessoas? Não existe emancipação na esfera individual, precisamos lutar por libertação na esfera coletiva, por isso precisamos de um movimento que dialogue com a sociedade, com as pautas anticapitalistas e que entenda que quando nós lutamos pelas nossas existências, estamos reivindicando os nossos lugares e o direito de poder ser quem a gente é e o direito de amar sem medo. Precisamos reivindicar nosso direito de ter acesso à cidade.

Precisamos reivindicar o mercado de trabalho e todas as relações que chegam de forma muito mais difícil para a nossa comunidade e que elas passam pelo Estado, por políticas públicas reparatórias e pela educação. Hoje a juventude está em outro patamar de produção de conhecimento, depois do governo de Lula e Dilma, nós conseguimos ter muito mais jovens LBGTs e negros dentro das universidades, contribuindo com a produção de conhecimento e de alguma forma incidindo na realidade. Ou simplesmente, assumindo-se. Por fim questiono, onde esteve o Estado

quando um jovem foi expulso de casa, agredido na escola, violentado pela própria família? Onde está o Estado em tantas situações que somos usurpados de nossos direitos? Onde estamos nós, LBGTQIA+, no Estado? A representatividade da democracia do país ainda é muito limitada, por isso, é fundamental termos as nossas vozes para ocupar os espaços de poder. O Brasil tem no poder, mais do que nunca, governantes organizados para nos matar. O que na academia conhecemos como necropolítica, que quando não mata pela bala, mata pela caneta, pela omissão. **Nas mãos dos homens brancos engravatados escorrem os nosso sangue. Nossa comunidade precisa escolher um lado, o lado da vida, o lado dos direitos. É urgente nos levantarmos.**